

# Pessoas de paisagem:

## a caracterização de destinos portugueses na revista *Fugas*



Mateus Yuri Passos<sup>1</sup>

Fernanda Castilho Santana Correio<sup>2</sup>

**Resumo:** O jornalismo de viagens trata da descoberta não apenas de territórios alheios, mas do “outro”. Quando articuladas com espaços de pertença, reportagens nesse segmento são reveladoras da autoimagem construída por um povo, seus costumes e valores. Neste artigo, analisaremos uma aparente construção da identidade contemporânea portuguesa nas reportagens de capa “O que é que o Porto tem?”, “Algarve que vai formoso” e “Coimbra tem mais encantos para além do património”, publicadas na revista *Fugas*.

**Palavras-chave:** Jornalismo literário; Jornalismo de viagens; Identidade; Portugal.

### Personas de paisaje: una caracterización de destinos turísticos en la revista *Fugas*

**Resumen:** El periodismo de viaje trata del descubrimiento no solo de territorios extranjeros, sino del “otro”. Cuando articuladas con espacios de filiación, reportajes del género son reveladores del autoimágene construido por un pueblo, sus costumbres y valores. Este artículo analiza la aparente construcción de la identidad portuguesa contemporánea en las reportajes de portada “O que é que o Porto tem?”, “Algarve que vai formoso” y “Coimbra tem mais encantos para além do património”, publicadas en la revista *Fugas*.

**Palabras clave:** Periodismo literario; Periodismo de viaje; Identidad; Portugal.

### Landscape people: the characterization of Portuguese destinations in the magazine *Fugas*

**Abstract:** Travel journalism deals with the discovery not only of foreign lands, but also of the “Other”. When it works together with membership spaces, reporting in this genre is very revealing regarding the self-image of people, their habits and values. This paper analyzes the apparent portrait of contemporary portuguese identity in the cover stories “O que é que o Porto

<sup>1</sup> Pesquisador de pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero. Membro do grupo de pesquisa Comunicação, Diálogo e Compreensão. Doutor em Teoria e História Literária (Unicamp). Editor adjunto da Revista Comunicação Midiática (PPGCOM/UNESP).

<sup>2</sup> Pesquisadora de pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo. Docente na FATEC-Barueri. Membro do Observatório Americano de Ficção Televisiva (Obitel). Doutora em Ciência da Comunicação (Universidade de Coimbra).

tem?”; “Algarve que vai formoso” and “Coimbra tem mais encantos para além do património”, published by the *Fugas* magazine.

**Keywords:** Literary journalism; Travel journalism; Identity; Portugal.

## **Viagem: a descoberta do outro (e de si)**

Embora a narrativa de viagem preceda o jornalismo moderno – pensemos em *Il Millione* de Marco Polo, por exemplo – desde meados do século XIX, a sua trajetória se confunde com o desenvolvimento do jornalismo, em especial como importante aprimoramento de técnicas narrativas, o que contribuirá decisivamente para a gênese do jornalismo literário durante os séculos XIX e XX (EBERWEIN, 2013; MARTINEZ, 2012). Em diversos casos, a viagem para o estrangeiro ou dentro do próprio território está ligada a conflitos armados: incluem-se nesse segmento a cobertura da tomada do Egito pela Inglaterra por Eça de Queirós (SOARES, 2014), da Guerra Civil Norte-Americana por Stephen Crane, da revolução de Pancho Villa no México e da Revolução de Outubro na Rússia por John Reed, da Guerra Civil Espanhola por George Orwell, Ernest Hemingway (SIMS, 2007) e Mário Neves (COUTINHO, 2015) ou mesmo da Guerra de Canudos em *Os Sertões*, de Euclides da Cunha (DOMINGUES & TRINDADE, 2014) e da Guerra do Paraguai, com *A Retomada da Laguna* do Visconde de Taunay, e os relatos sobre a Segunda Guerra Mundial de Joel Silveira e da Guerra do Vietnã por José Hamilton Ribeiro.

Abordando-se zonas de guerra ou regiões pacíficas, o conjunto das narrativas de viagem – de caráter jornalístico ou não – constitui um macrogênero unificado por um direcionamento temático cuja natureza pode ser compreendida à luz da teoria dos gêneros discursivos ou enunciativos [речево́й жанр] de Bakhtin (2011), que aponta como elementos constituintes de gêneros o estilo, a composição e o tema. É esse terceiro elemento o que mais nos interessa neste momento; a partir de algumas de suas peculiaridades em relação às modalidades narrativas que abordamos, discutiremos no desenvolver deste trabalho características do tratamento estilístico no jornalismo de viagens.

É importante notar que *tema*, num sentido bakhtiniano, não se refere ao assunto de um texto específico – aquele aspecto que transparece em sua superfície. Em narrativas de viagem não se trata, por exemplo, da localidade visitada em um texto em particular; em vez disso, o tema é matéria comum a todas as produções do gênero; a essência de conteúdo que subjaz a todas elas. O tema das narrativas de viagem, mais do que o deslocamento ou alheamento do lugar de origem é a *descoberta*: de um novo lugar, decerto, mas também a descoberta do outro, sujeita a situações de estranhamento e alteridade, relacionando-o com o eu ao colocar sob novas perspectivas o contraste entre o familiar e o estranho – sob o prisma de Joseph Campbell, Martinez (2012, p. 47) relaciona às narrativas de viagem um processo de

autodescoberta, sintetizado no princípio de que “toda viagem externa é um mergulho interno”.

Essa linha interpretativa se reforça quando observamos que essa modalidade de escrita não se limita à possibilidade de *partida* a uma terra estrangeira ou uma região remota, desconhecida de sua própria terra; as narrativas de viagem podem versar também sobre o lugar de origem do autor, num contexto de retorno – temporário ou definitivo – de um exílio – voluntário ou forçado – e incluem nesses casos aspectos de estranhamento e alteridade decorrentes de um processo de *redescoberta*, impulsionado tanto pelas mudanças no país de origem quanto pelas transformações pessoais durante o período no exterior. A narrativa da viagem em sua própria terra pode também ser realizada por alguém que nunca partiu e que percorre território já familiar, e nesse caso constitui já em seu nível superficial uma *narrativa do eu*.

Há ainda uma quarta possibilidade que se relaciona à anterior: a jornada a países estrangeiros em que também se produz um comentário sobre a terra natal – especialmente em situações nas quais mecanismos de censura impediriam a realização de um comentário direto –, caso das narrativas de Ryszard Kapuściński entre os anos 1960 e 1990 sobre regimes autoritários em países africanos, asiáticos e latino-americanos, lidas também como comentário velado à ditadura na Polônia (WIKTOROWSKA, 2014), e os livros *A Ilha* e *Cuba de Fidel*, nos quais Fernando Morais e Ignácio de Loyola Brandão, respectivamente, visitam Cuba na segunda metade dos anos 1970 e sobre o país tecem descrições e comentários majoritariamente positivos, o que pode ser lido como crítica à ditadura militar brasileira, estabelecida e sustentada sobre um princípio anticomunista.

Nesses terceiro e quarto casos, está em questão uma construção – aparente ou oculta – de autoidentidade. Apesar de não ser objetivo deste estudo trabalhar em profundidade com o conceito de identidade, mas antes observar a articulação de uma suposta construção da identidade portuguesa como base para composição elementos literários, convém referir que partimos da ideia de identidade como fonte de significado e experiência de um povo (CASTELLS, 2007). São diversos os espaços – físicos e simbólicos – envolvidos no processo de estabelecimento de fronteiras de definição entre o “eu” e o “outro”, que servem de fundamento para a construção das identidades, como define Castells (2003, p. 22): “entendo por identidade o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(is) prevalece(m) sobre outras fontes de significado”.

Neste artigo, analisaremos as reportagens de “O que é que o Porto tem?” e “Algarve que vai formoso”, de Andreia Marques Pereira, e “Coimbra tem mais encantos para além do património”, de Alexandra Prado Coelho, publicadas na revista *Fugas*, suplemento de viagens semanal do jornal diário português *Público*. As reportagens foram selecionadas a partir de um *corpus* recolhido entre julho de 2013 e julho de 2014, durante um ano letivo, período compreendido entre dois verões no hemisfério norte. Levamos em conta apenas reportagens de capa que tratassem de localidades portuguesas

– nas quais se lança um olhar para si mesmo – e a partir desse *corpus* inicial, selecionamos como amostra aquelas que buscassem apresentar regiões distintas entre si e, ao mesmo tempo, abordassem de forma abrangente os seus espaços – ao invés de se concentrarem em um só aspecto, como arte ou gastronomia.

Procuramos observar nos textos o que é valorizado no espaço urbano do Porto, de Coimbra e do Algarve; os pontos de vista adotados, as estratégias de caracterização dos locais e dos habitantes, de modo a se apreender os elementos de representação identitária dessas localidades portuguesas.

Nesse sentido, tanto Castells (2003), como Hall (2005) concordam que a construção da identidade é simbólica e social e que as identidades podem ser individuais e coletivas. No que toca à construção de identidades coletivas, sabemos que entre os diversos fatores contributivos os meios de comunicação exercem papel fundamental. No entanto, nesse trabalho não se pretende analisar como os textos contribuem para a construção da identidade portuguesa, mas, antes, partimos do pressuposto de que os textos publicados na revista *Fugas* sobre destinos nacionais utilizam uma suposta construção da identidade portuguesa como base para construção de elementos literários, sobretudo a partir de uma perspectiva histórica. Mais especificamente e de maneira semelhante, não é o propósito desse trabalho discutir a complexa noção de identidade nacional portuguesa, que só faria sentido com base noutro conjunto de autores portugueses de diversas áreas – tais como Eduardo Lourenço, António Manuel Hespanha, Fernando Catroga e entre outros – que não cabem, até por motivos de enquadramento e correntes teóricas, neste artigo.

## **Jornalismo Literário em Portugal e o jornal *Público***

Conforme mencionamos na seção anterior, as narrativas de viagem configuram um macrogênero que antecede e extrapola as práticas jornalísticas. Aqui, trataremos de narrativas do jornalismo de viagens que, para além de pertencerem ao segmento de turismo, também estão enquadradas entre os gêneros do jornalismo literário. Compreendemos como jornalismo literário o conjunto de gêneros enunciativos que se localizam na zona fronteira entre o jornalismo e a literatura, que possuem características comuns aos dois terrenos e são passíveis de exame pelos instrumentais críticos e analíticos de ambos, pois adotam uma estética narrativa, ou seja, são compostos de cenas e sumários narrativos em que há descrições de lugares, pessoas, assim como ações, diálogos e mesmo pensamentos de personagens (PASSOS, 2014). Essa estética distinta do jornalismo tradicional carrega em si um propósito de organização e interpretação do mundo: “A narrativa é o modo fundacional dos grandes gêneros informativos mediáticos: da notícia, à reportagem, passando pelo perfil, todos eles textualizam a realidade, dando-lhe sentido, significado e tornando-a legível” (PEIXINHO, 2013, p. 240).

A gênese do jornalismo literário português é atribuída (SOARES, 2012; COUTINHO, 2015) a um conjunto de quatro escritores: Eça de

Queirós, Ramalho Ortigão, Oliveira Martins e Batalha Reis, influenciados pelo “*New Journalism*” inglês na virada do século XIX para o XX – Soares (2014) inclui as aspas para diferenciá-lo do *New Journalism* norte-americano dos anos 1960 –, em especial pelas reportagens do jornal *Pall Mall Gazette*, em que já se desenvolvia uma estética narrativa assemelhada ao jornalismo literário contemporâneo. Eça e Ortigão criaram em 1871 a revista *As Farpas*, em que reportavam com ironia e declarada parcialidade e visão crítica dos fatos. Já em 1882, quando era cônsul em Bristol, Eça produziu para a *Gazeta de Notícias* carioca uma série de reportagens sobre a anexação do Egito pela Inglaterra (SOARES, 2014), claramente manifestando oposição ao ato e desconstruindo as alegações democráticas do governo inglês para apontar seus propósitos econômicos imperialistas. Coutinho (2015) coloca em dúvida o *status* de jornalistas de Eça e Ortigão pela relação dúbia que por vezes tinham com os fatos; o primeiro criando compostos a partir de dois acontecimentos distintos e o segundo inventando deliberadamente eventos menores.

Já Oliveira Martins e Batalha Reis se destacam, especialmente entre as décadas de 1880 e 1900, por serem como precursores de certos aspectos do jornalismo gonzo thompsoniano ao não apenas aparecerem como protagonistas em suas narrativas, mas também provocarem ou intervirem ativamente nos acontecimentos reportados.

No início do século XX, destacam-se os textos de Reinaldo Ferreira – que se tornou conhecido pelo pseudônimo Repórter X por conta de um erro tipográfico – imbuídos de dinâmica, colorido e emoção, além de especulação otimista sobre o futuro de Portugal – as “reportagens proféticas” –; as reportagens de António Lobo de Almada Negreiros sobre a frente portuguesa na I Guerra Mundial, em que descreve vividamente o cotidiano dos soldados para além do campo de batalha. Na década de 1923, António Ferro realiza um estudo da personalidade de Benito Mussolini baseado essencialmente em observação, já que obteve apenas dez minutos de entrevista com o *duce* italiano – um predecessor, portanto do perfil de Frank Sinatra por Gay Talese, de 1966 –; na década seguinte, destaca-se o já citado Mário Neves, especialmente pela cobertura de um dos episódios da Guerra Civil Espanhola, a Chacina de Badajoz, na Extremadura (COUTINHO, 2015).

Coutinho (2015) aponta ter havido uma retomada de fôlego do jornalismo literário após a queda do ditatorial Estado Novo português em 25 de abril de 1974, o que pôs fim à pesada censura a que a imprensa e a intelectualidade do país estavam sujeitas por 42 anos. Embora sua vida editorial tenha sido breve, durando apenas seis números, desempenhou importante papel em dar força à nova onda de jornalistas literários a revista *Cadernos de Reportagem*, dirigida por Fernando Dacosta e publicada entre 1983 e 1984. Como a revista brasileira *Realidade*, especialmente em seus dois primeiros anos de publicação (1966-1968), os *Cadernos* abordavam tópicos polêmicos, como homossexualidade, aborto e assassinato. Dentre seus colaboradores estavam Guilherme de Melo, Maria Antónia Fiadeiro, João Aguiar, Jorge Trábulo Marques e Viriato Teles. Ao longo das décadas de 1990 e 2000,

surgiriam novos nomes como Paulo Moura, Alexandra Lucas Coelho – que se destaca por reportagens de viagem reunidas em livros como *Oriente Próximo* (2007), *Caderno Afegão* (2009), *Tahrir: os dias da revolução* (2011) e *Vai, Brasil* (2013) –, Sílvia Caneco, Rosa Ramos, Joana Stichini Vilela, Susana Moreira Marques e Tiago Carrasco. Desses, Moura e Coelho são repórteres do jornal *Público*, que se tornou uma das principais casas do jornalismo literário em Portugal.

Conforme referido, para o estudo empírico realizado no âmbito deste trabalho, selecionamos como pretexto de análise o suplemento de viagens *Fugas*, que acompanha semanalmente, aos sábados, o *Público*. A escolha do objeto decorre da importância desse diário informativo de circulação nacional, atualmente um dos principais jornais impressos de Portugal, sendo considerado uma publicação de referência. Fundado em 1990, o *Público* pertence ao conhecido e influente grupo Sonaecom, que movimenta grande parte do capital português, sobretudo na área das telecomunicações, e cuja família, os Azevedo, possui uma das maiores fortunas do país. A diretoria do jornal desde 2009 está sob o comando de Bárbara Reis, que não é a única mulher nos cargos de chefia na redação do jornal – a atual diretora internacional e de parcerias é Simone Duarte, brasileira cuja trajetória como jornalista passa por diversas coberturas da editoria internacional. Apesar de sua sede estar localizada na Maia (distrito do Porto), possui redações nas duas principais cidades do país, Lisboa e Porto. A dimensão geográfica e populacional portuguesa acaba por influenciar a permanência de um pequeno grupo de intelectuais no rol dos articulistas dos principais jornais, inclusive no *Público*. Entre os formadores de opinião que contribuem como esse jornal estão nomes como Vasco Pulido Valente, Rui Tavares, Miguel Esteves Cardoso, José Vítor Malheiros, Santana Castilho, Maria de Lurdes Rodrigues e José Pacheco Pereira (historiadores, sociólogos, juristas, entre outros).

O *Público* é editado em formato berlinense<sup>3</sup> – ligeiramente maior do que o tabloide – tal como alguns diários europeus como *The Guardian* (Reino Unido) e *Le Monde* (França). Sua estrutura é composta por editorias (secções), tais como Economia, Mundo, Cultura e Desporto. Além disso, suplementos com periodicidade semanal acompanham esse diário, a saber: *Imobiliário* – área imobiliária (quarta-feira), *Inimigo Público* – humor (sexta-feira), *Ípsilon* – cultura (sexta-feira), *Fugas* – revista de viagens e lazer (sábado) e *Pública* – revista de reportagens *longform* (domingo). De maneira geral, observamos nesses suplementos uma notável preocupação com o estilo narrativo, o que por vezes resulta num conjunto de textos de invejável qualidade literária.

A revista *Fugas*<sup>4</sup>, suplemento objeto de nossa análise, oferece aos leitores uma agradável panóplia de narrativas de viagem e lazer aos sábados, para que o público possa iniciar o seu fim de semana planejando o “destino de sonho”, na expressão vernacular portuguesa. Com a proposta emblemática “A revista que surpreende pelos conteúdos”, *Fugas* se destaca precisamente por reportagens cuja narrativa surpreende por associar o rigor informativo aos detalhes dos relatos de viagem, assim como estão presentes textos de claro aprofundamento dos temas, diversas vezes com enfoque humanizado.

<sup>3</sup> As seções que normalmente compõem a revista são: Plano de Viagem, Reportagem de Capa, Viagem, Passeio, Vinho, A Fuga dos Leitores e Motores.

<sup>4</sup> A rigor, o *Público* possui uma mancha útil de 25,7 x 31,0 (cm), conforme dados da tabela de publicidade do jornal.

## Porto, Coimbra e Algarve: narrativa e identidade

Como mencionamos anteriormente, as três produções textuais que analisaremos aqui serão melhor compreendidas se tratadas não como narrativas de viagem, em termos genéricos, mas como jornalismo de viagens – que, em termos de gênero enunciativo, acreditamos possua tema bipartido, acrescentando à descoberta o tema da promoção do turismo para os locais descritos pelo repórter (WENZEL & JOHN, 2012). Esse aspecto se confirma quando, ao final das reportagens publicadas em *Fugas*, encontramos uma listagem de hotéis, restaurantes e lugares a visitar, por vezes acompanhados de estimativas de gastos – é quando notamos que há um “gancho” noticioso e promocional para cada uma das reportagens.

No caso de “O que é que o Porto tem?”, de Andreia Pereira Marques, a premissa é a premiação da cidade como melhor destino europeu do ano de 2014 pela organização belga European Consumer’s Choice – o tempo todo, ao longo da reportagem, Marques busca valorizar a cidade enquanto destino de visitação, em especial em rela o aos baixos custos de hospedagem, alimenta o e mesmo de voos *low cost* como os tomados pelos personagens que conduzem a narrativa – o húngaro Alexandru Chirita, a hondurenha Ligia Molina, a brasileira Marcela Montenegro, a mexicana Amparo Díaz e a espanhola Elena Delgado.

Sobre eles a repórter informa pouco mais que o fato de serem cinco amigos que vivem em diferentes cidades espanholas; sabemos que Alex – como será referido pelo restante da narrativa –   o mais novo do grupo, aos 28 anos, e que o restante já tem mais de 30; que Ligia e Marcela se conheceram em Salamanca quando faziam mestrado – não sabemos em que área, nem como conheceram o – e que já haviam visitado o Porto diversas vezes nos últimos dez anos, enquanto Amparo estivera ali dois anos antes e Alex e Elena conhecia a cidade pela primeira vez. Seu protagonismo tem principalmente, como mencionamos, papel *condutor*: É pelo itinerário de um fim de semana e pelos comentários desse grupo que o texto nos apresenta a cidade – contrastando impressões iniciais dos novatos em matéria de Porto com as das veteranas que servirão de guias: “O primeiro dia foi de encontros. O sábado será todo do Porto. Sem mapas, apenas com as memórias de Ligia e Marcela que passam as suas experiências aos amigos” (PEREIRA, 2014, p. 5).

Se a sexta-feira é marcada por uma chuva incessante, no dia seguinte, o clima se tornar  mais propício ao turismo – pontuado por momentos de estranhamento em rela o a edifícios abandonados por conta da crise econ mica, às caves de vinhos do Porto com nomes ingleses, mas principalmente pela diferença entre a Porto dos monumentos e edifícios centenários e a da intensa e moderna vida noturna, resumizada nas impressões de Marcela e Ligia:

O caminho feito é o mais longo – subida até a esta o de São Bento, azulejos portugueses   mistura.

– Azuis e brancos, têm-nos por todo o lado, não repararam?,   Ligia a mais entusiástica. Há-de apontá-los nas fachadas de várias igrejas. Na Praça da Liberdade, aos pés dos Aliados, mais memórias. Amparo recorda que ficou alojada aqui perto, “atravessava sempre esta ‘praça’”, Marcela e Ligia lem-

bram um concerto de um edifício para a rua, “a bateria numa varanda, o guitarrista noutra...”, e uma dança desenfreada ao som de um “punk moderno” . As reminiscências levam Marcela mais longe,  
– O Porto tem as melhores coisas de uma cidade grande numa cidade pequena. É uma cidade de contrastes. De dia é tradicional, com todas as características culturais de Portugal, restos do passado; à noite é cosmopolita, moderna, com os bares e restaurantes como se estivéssemos em Londres. (PEREIRA, 2014, p. 5).

<sup>5</sup> Do poeta e compositor português  
Fernando Machado Soares.

Mais adiante, esse elemento do dualismo antigo/moderno é retomado para afirmar o pertencimento do Porto – e Portugal – ao continente como um todo, algo de que muitos europeus se esqueceriam, nas palavras de Marcela e Amparo, pois a própria Europa reuniria ao mesmo tempo o “velho, bonito, decadente, moderno” (p. 6). A peça se encerra com a despedida dos personagens, o desapontamento em partir tão cedo do Porto e a perspectiva do retorno.

Ao observar a segunda reportagem selecionada, reparamos já no título – “Coimbra tem mais encantos para além do património” – a incorporação de uma simbólica referência nacional à cidade conhecida pelos seus encantos, precisamente como menciona a letra do notório fado coimbrão “Balada da Despedida”<sup>5</sup>, cujo refrão “Coimbra tem mais encanto, na hora da despedida”, ainda é cantado vezes sem conta pelos estudantes nas inúmeras festas, tanto de iniciação, como de despedida da cidade, especialmente durante a Queima das Fitas – efeméride que marca a formatura dos estudantes da Universidade de Coimbra.

Seguindo o mesmo estilo, o intertítulo também mostra os propósitos de abordagem de cunho identitário e histórico, destacando que numa visita à universidade “podemos tropeçar numa defesa de tese numa sala que já foi de reis”, em referência ao tradicional espaço secular de cerimônias acadêmicas e defesas de teses de doutorado, a Sala do Grandes Atos, mais conhecida como Sala dos Capelos; assim como também menciona que pode-se “tentar vislumbrar um morcego na famosa Biblioteca Joanina”, evocando a singular técnica de conservação ainda adotada pela primeira biblioteca da Universidade, pois os morcegos se alimentam de insetos que podem corroer o acervo de coleções dos séculos XVI, XVII e XVIII.

O início da reportagem relata em primeira pessoa – a repórter Alexandra Prado Coelho assume, portanto, o ponto de vista condutor da narrativa – uma visita justamente à Sala dos Capelos, num dia em que uma doutoranda terminava de sair do local para, a seguir, começar a explicar a premissa pela qual Coimbra se enquadra como destino na *Fugas* do dia 10 de agosto de 2013: a nomeação da Universidade de Coimbra como Patrimônio Mundial da Humanidade pela UNESCO. Esse enquadramento inicial é justificado quando a repórter menciona a importância do patrimônio imaterial que ainda se encontra vivo, pois ao mesmo tempo que esse destino é histórico, o viajante também pode observar e sentir a alma de um espaço que ainda está em atividade. Ao suntuoso e solene dos espaços da universidade quase milenar há nova contraposição – o jocosos e inventivos dos estudantes, que criam suas próprias tradições parainstitucionais.

Ao tour pela universidade se acresce uma segunda parte, “Coimbra



em 48 horas”, um diário de bordo que pontua, ao longo de dois dias, as localidades a se visitar num período de recesso escolar, quando a cidade precisa se reconhecer para além do patrimônio. Ainda sob o ponto de vista de Alexandra Prado Coelho, visitam-se um museu, um mosteiro, um concerto de fado, um restaurante novo, outro tradicional – embora estabelecido há menos de um século. Em todos os casos, a repórter parece em busca de outros patrimônios que a cidade possa oferecer. É o tradicional, o sólido e perene, o que define Coimbra, e a mudança apenas a criação de novas tradições:

20h30. Vamos jantar à Baixa. Não podíamos passar dois dias em Coimbra sem ir comer a uma instituição da cidade: o Zé Manel dos Ossos. Comemos ossos, claro, que começaram a ser servidos há décadas, quando o dono, o senhor Zé Manel, se lembrou de aproveitar os ossos que via serem desperdiçados na praça, passando a servi-los para acompanhar um copito de vinho. Com o tempo, conta-nos o senhor Mário – que aqui trabalha desde sempre e que, agora que o patrão já não aparece tanto, é a alma da sala, disparando piadas e encantando os estrangeiros – os ossos ganharam honras de prato principal e até o nome da casa. Estão muito bons, mas não ficamos por aí e pedimos também uma feijoada de javali. (COELHO, 2013, p. 5).

“Algarve que vai formoso”, a terceira reportagem que selecionamos, trata de diversas localidades do parque natural da ria Formosa, no Algarve, destino que atrai diversos estrangeiros em busca de climas mais quentes; uma região onde a média dos preços de hospedagem e alimentação é bem mais alta do que no restante do país. A premissa da reportagem, publicada em 3 de agosto de 2013, não é um reconhecimento internacional, mas a chegada da alta temporada de turismo, no verão europeu.

Desta vez, Andreia Marques Pereira assume o seu próprio ponto de vista para narrar o passeio – usa, na verdade, a primeira pessoa do plural, incluindo o fotógrafo Bruno Simões Castanheira no eu enunciador. Desta vez o cenário não é urbano – embora se mencionem cidades como Faro, Olhão e Tavira e aldeias como Estói no pequeno guia “O que fazer”, que complementa a reportagem, trata de praias, ilhas e vilas de pescadores.

A reportagem pode ser compreendida em dois momentos. Em Faro, “ilha que não o é”, temos a porta de entrada para o Algarve e fala-se com maior detalhamento da vida da população local, em especial da condição solitária e por vezes precária em que vive nos períodos de baixa temporada, quando há pouco ou nenhum visitante. Como na reportagem sobre o Porto, os comentários são construídos a partir das vozes de entrevistados – neste ponto, residentes do Algarve. O contraste entre as condições de vida na vila de pescadores e nas zonas urbanas ao norte é sumarizado pelo depoimento de Isabel Libório, que se mudou para lá após o casamento:

Quando veio para a ilha de Faro (N 37° 0' 29.4546”, W 7° 59' 41.265”), vivia numa cabana de junco. Foi há 52 anos e “tudo era diferente”. Isabel Libório recorda: “chorei muito, estranhei tudo, não tinha nada a ver com a Quarteira. Ia ao café, à missa uma vez por semana”, recorda. Veio por amor, que mais? “O meu marido nasceu aqui.” A esta hora, ele está a dar o seu passeio diário de bicicleta pela ilha, já não pesca mas ainda vai às “amêijoas todos os dias” e ela varre o caminho em frente à sua casa – um passadiço de cimento, coloca-

do para passarem os veículos do INEM e do lixo, entre o dédalo de casinhas, que lhe roubou o pequeno jardim que tinha. Agora, gosta deste sossego, “longe da barafunda no largo [da estalagem]”. (PEREIRA, 2013, p. 5).

Com a partida para desbravar a ria Formosa, o foco passa a ser a “natureza à flor da água” – menciona-se ainda a existência de hotéis, restaurantes e *louge bars* aqui e acolá, mas o que predomina são os bancos de areia que na maré baixa se tornam ilhotas, um velho *bunker* remanescente da I Guerra Mundial, vegetação e animais como camaleões e cavalos-marinho, que nas águas do Algarve encontram-se em concentração mais alta do que em qualquer outra parte do mundo. A narração não se detém muito em alguma parada: passa rapidamente de um lugar a outro, elencando as principais vistas e oportunidades de passeio da ria. Também os comentadores aqui passam a ser predominantemente os turistas – portugueses, espanhóis e belgas – e é sob o ponto de vista deles, dinâmico e efêmero, mais interessado nas belezas naturais do que na vida dos habitantes, que o percurso é textualizado.

## Pessoas de paisagem

Em discurso proferido na cerimônia em que recebeu o título de doutor *honoris causa* da Universidade Federal de Santa Catarina em 1999, José Saramago defende a narrativa de ficção como recurso para se explorar aspectos da História e em certo momento argumenta pela inesgotabilidade dos enunciados de visita a um determinado tempo ou lugar:

Sou autor de um livro que se chama *Viagem a Portugal*. Trata-se de uma narrativa de viagem, como tantas que se escreveram nos séculos XVII e XVIII. (...) O livro não se propõe como roteiro de viajantes, embora, necessariamente, contenha muito do que se espera encontrar nesse tipo de obras. Fala-se de Lisboa, do Porto, de Coimbra, fala-se doutras cidades importantes, fala-se das aldeias, das paisagens, das artes, das pessoas, fala-se de um país, em suma. Imaginemos agora que o autor decida fazer uma segunda viagem para escrever um segundo livro, mas que nela terá como ponto de honra não passar por nenhum dos lugares onde havia estado antes. (...) Parece ao autor que, com toda legitimidade, poderia dar, outra vez, a esse livro o título de *Viagem a Portugal*, pois que de Portugal continuou a tratar-se. Levemos ainda mais longe o nosso jogo e imaginemos que o autor faz uma terceira, uma quarta, uma quinta, uma sexta, uma centésima viagem, obedecendo sempre ao princípio de não passar por onde passou antes. (...) A pergunta derradeira será esta: poderá o centésimo livro chamar-se ainda *Viagem a Portugal*? Respondo que sim: poderá, e deverá chamar-se ainda mesmo que o leitor seja incapaz de reconhecer, por mais atento que esteja à leitura, o país que no título lhe prometeram. (SARAMAGO, 2000, p.13-14).

Localidades distintas, ainda que situadas num mesmo país – especialmente naqueles de dimensões modestas –, proporcionarão experiências distintas e, portanto, exigirão estratégias distintas de caracterização e narração. Podemos estender esse princípio da inesgotabilidade à visita às mesmas cidades por onde já se passou – ou sobre os quais já se teceram muitas narrativas: cada relato sobre um mesmo lugar possui, ao menos em termos potenciais, a capacidade de revelar, novos e inesperados aspectos sobre ele.

O que podemos observar na construção das três reportagens da revista *Fugas* analisadas é o tratamento dos destinos como personagens – construídos justamente a partir de um enquadramento baseado nos elementos fundamentais da identidade portuguesa – e como os grandes protagonistas perfilados nas narrativas, mesmo quando estas são conduzidas por um grupo de turistas, como em “O que é que o Porto tem?”, ou quando a repórter assume esse papel condutor, como nas demais reportagens. É nesse sentido que assumimos as paisagens como *figuras de ficção* (REIS, 2015) – ou não ficção, neste caso –, a partir da sua capacidade de transcender o espaço físico e adquirir uma sobrevida nas páginas do suplemento.

Esse recurso ecoa a série de reportagens “A jornada de um serendipitoso” [New York: A serendipiter’s journey] de Gay Talese (2005), que também pode ser compreendida com uma narrativa de viagem do eu. Nela, o repórter traça um grande perfil da cidade de Nova York, quase como se se tratasse de um ser humano – que consome dezenas de toneladas de comida e milhões de litros de água por dia; os personagens que nela aparecem são protagonistas fugazes de instantâneos sobre a cidade, sem profundidade no tratamento, mas que ajudam a ilustrar e caracterizar a metrópole em 1961. Os costumes de nova-iorquinos, seus valores, sensibilidades – e insensibilidades – comuns são os elementos que formam a macropersonalidade da própria Nova York.

Assim, podemos observar que há, no fio condutor das três reportagens em questão, um esforço pela caracterização das diferentes “pessoas de paisagem” – constituídas pelas faces natural e artificial do lugar e pela macropersonalidade construída pelo conjunto de seus habitantes – que são o Porto, Coimbra e as ilhas do Algarve. O primeiro é uma personagem de dupla face, de convivência do antigo e do novo, cujos aspectos arcaicos são progressivamente escamoteados pelos mais jovens e vicejantes; um lugar aprazível e acolhedor – atraente, inclusive, pelos preços baixos de deslocamento, hospedagem e alimentação. No caso de Coimbra, embora se ofereça uma caracterização “para além do património”, prevalece a cidade das tradições, tanto em termos institucionais, com edifícios quase milenares – os mosteiros, a terceira universidade mais antiga do mundo – quanto em tradições que os habitantes instituíram há poucas décadas, mas às quais se agarram com firmeza – os ritos dos estudantes, o restaurante onde se comem ossos. Já o Algarve é um “outro” reduzido às suas belezas naturais – as praias, fauna e flora – e rusticidade; um cenário belo, mas desprovido de vida cultural sofisticada, das tradições e da modernidade celebradas no norte português; um lugar de passagem aconchegante para ser visitado, mas sem autonomia intelectual.

Como mencionado no início deste artigo, a narrativa de viagem possui como temática central a descoberta. Ao falar de localidades previamente conhecidas tanto das repórteres como dos leitores, tratam-se, porém, de narrativas da autodescoberta ou reafirmação, consolidação da autoidentidade. O segundo caso parece ser o mais plausível, ao se considerar os três textos analisados, já que se sedimentam neles conceitos pré-formados – e, podemos dizer, *clichês* – sobre as três localidades, em vez de se buscar uma transformação,

das repórteres e dos leitores, sobre a percepção dos lugares por eles. O tema passa da descoberta, portanto, para a elegia, a celebração da terra, do familiar.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da identidade - Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

COELHO, Alexandra Prado. Coimbra tem mais encantos para além do património. *Jornal Público*, Lisboa, 10 ago. 2013. Caderno Fugas, p. 4.

COUTINHO, Manuel João de Carvalho. *Jornalismo literário em Portugal e no mundo: abordagem jornalística e técnicas de escrita*. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2015.

DOMINGUES, J.; TRINDADE, A. D. New Journalism in Portuguese: From 19th-Century Literary Journalists to the Present Day. In: KEEBLE, R. L; TULLOCH, J. (Org). *Global Literary Journalism – Exploring the Journalistic Imagination*. New York: Peter Lang, 2014, p. 235-245.

EBERWEIN, Tobias. *Literarischer Journalismus*. Theorie – Traditionen – Gegenwart. Köln: Herbert von Halem Verlag, 2013.

HALL, Stuart. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2005.

LOURENÇO, Eduardo. *O labirinto da saudade: psicanálise mítica do destino português*. Lisboa: Dom Quixote, 1988.

MARTINEZ, Monica. Narrativas de viagem: escritos autorais que transcendem o tempo e o espaço. *Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo, v.35, n.1, p.35-52, jan./jun. 2012.

PASSOS, Mateus Yuri. Perfil e contraperfil: os três Joe Goulds de Joseph Mitchell. In: SOSTER, D. A.; PICCININ, F. (Org.). *Narrativas Comunicacionais Complexificadas 2: A forma*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2014, p.193-213.

PEIXINHO, Ana Teresa. O papel da literatura no ensino do jornalismo: algumas reflexões. *Revista de Estudos Literários*, Coimbra, n.3, p.231-254, 2013.

PEREIRA, Andreia Marques. Algarve que vai formoso. *Jornal Público*, Lisboa, 3 ago. 2013. Caderno Fugas, p. 4.

\_\_\_\_\_. O que é que o Porto tem? *Jornal Público*, Lisboa, 22 fev. 14. Caderno Fugas, p. 4.

REIS, Carlos. *Pessoas de livro: estudos sobre a personagem*. Coimbra: IUC, 2015.

SARAMAGO, José. A história como ficção, a ficção como história. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, EDUFSC, n.27, p.9-17, abr. 2000.

SIMS, Norman. *True Stories: a century of literary journalism*. Evanston: Northwestern University Press, 2007.

SOARES, Isabel. Literary Journalism on War and Imperialism: The British Annexation of Egypt viewed by Portuguese Eça de Queirós. In: KEEBLE, R. L.; TULLOCH, J. (Org). *Global Literary Journalism – Exploring the Journalistic Imagination*. New York: Peter Lang, 2014, p. 111-124.

\_\_\_\_\_. Literary Journalism's Magnetic Pull: Britain's "New" Journalism and the Portuguese at the Fin-de-siècle. In: BAK, J. S.; REYNOLDS, B. (Org.). *Literary Journalism Across the Globe: Journalistic Traditions and Transnational Influences*. Amherst: University of Massachusetts Press, 2011, p.118-133.

SOUSA, Vítor de. O equívoco da portugalidade. In: BAPTISTA, M. M.; FRANCO, J. E.; CIESZYNSKA, B. (Org.). *Europa das Nacionalidades: Imaginários, identidades e metamorfoses políticas*. Coimbra: Grácio Editor, 2014, p.353-370.

TALESE, Gay. *Fama e Anonimato*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WENZEL, K.; JOHN, V. M. Jornalismo de viagens: análise das principais revistas brasileiras. *Estudos em Comunicação*, n. 11, p. 291-311, mai. 2012.

WIKTOROWSKA, Aleksandra. *Ryszard Kapuściński: visión integradora de un reportero. Clasificación, Construcción y Recepción de su obra*. 2014. Tese (Doutorado em Construció i Recepció d'Identitats Culturals) - Facultat de Filologia, Universidade de Barcelona, Barcelona, 2014.